


ENTRE TELAS E TERRITÓRIOS: FESTIVAIS E LIVES COMO AMBIÊNCIAS EDUCATIVAS DE RESISTÊNCIA, CUIDADO COLETIVO E DIREITOS HUMANOS DAS JUVENTUDES NA PANDEMIA (2020–2022)

BETWEEN SCREENS AND TERRITORIES: FESTIVALS AND LIVE STREAMS AS EDUCATIONAL SPACES FOR RESISTANCE, COLLECTIVE CARE, AND YOUTH HUMAN RIGHTS DURING THE PANDEMIC (2020–2022)

ENTRE PANTALLAS Y TERRITORIOS: FESTIVALES Y ACTUACIONES EN DIRECTO COMO ESPACIOS EDUCATIVOS DE RESISTENCIA, CUIDADO COLECTIVO Y DERECHOS HUMANOS DE LA JUVENTUD DURANTE LA PANDEMIA (2020-2022)

 <https://doi.org/10.56238/arev8n4-030>

Data de submissão: 13/03/2026

Data de publicação: 13/04/2026

Elliz Celestrini Mangabeira

Doutoranda em Ensino de Ciências

Instituição: Instituto NUTES da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: elliz.cm@ufrj.br

Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca

Professor Titular

Instituição: Instituto Nutes de Educação em Ciências e Saúde da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

E-mail: abrasil@ufrj.br

RESUMO

Este artigo examina experiências formativas de juventudes brasileiras durante a pandemia de Covid-19, com foco em festivais e lives organizados por organizações da sociedade civil entre 2020 e 2022. A partir de uma abordagem qualitativa, ancorada na etnografia digital e na análise documental, investigam-se processos educativos mediados por tecnologias digitais e permeados por práticas de resistência, cuidado coletivo e afirmação de direitos. O estudo considera os festivais como ambiências digitais de convívio e produção de saberes, nos quais jovens protagonizaram ações de mobilização sociopolítica, participação cidadã e comunicação cultural. As análises evidenciam como essas experiências, ainda que marcadas por desigualdades de acesso e limitações contextuais, constituíram territórios vivos de aprendizagem, articulação comunitária e elaboração crítica diante da crise sanitária, configurando-se como espaços de promoção da saúde coletiva e de cuidado mútuo mediados pela cultura digital em territórios marcados por desigualdades e pela ausência de políticas públicas (Luz; Abramovay; Sales, 2025). Com base em referenciais da educação crítica e da interculturalidade (Freire, 2016; Walsh, 2009), dos estudos sobre juventudes (Abramovay, 2022), e da etnografia na internet (Hine, 2020; Gomes; Leitão, 2017), argumenta-se que tais práticas revelam dimensões pedagógicas relevantes e ampliam os horizontes da educação não formal em tempos de crise. O artigo contribui para a valorização das formas de aprender e ensinar que emergem fora dos espaços escolares convencionais, reafirmando a importância de reconhecer as juventudes como sujeitos epistêmicos e protagonistas na construção de sociedades mais democráticas e justas.

Palavras-chave: Juventudes. Etnografia Digital. Cultura Digital. Educação Crítica. Participação Sociopolítica.

ABSTRACT

This article examines formative experiences of Brazilian youth during the Covid-19 pandemic, focusing on festivals and livestreams organized by civil society organizations between 2020 and 2022. Based on a qualitative approach, anchored in digital ethnography and document analysis, it investigates educational processes mediated by digital technologies and permeated by practices of resistance, collective care, and rights advocacy. The study considers festivals as digital environments of interaction and knowledge production, where young people led actions of sociopolitical mobilization, civic participation, and cultural communication. The analyses highlight how these experiences, despite being marked by inequalities in access and contextual limitations, served as vibrant spaces for learning, community engagement, and critical reflection in the face of the health crisis, emerging as venues for promoting public health and mutual care, facilitated by digital culture, in areas characterized by inequalities and the absence of public policies (Luz; Abramovay; Sales, 2025). Drawing on frameworks from critical education (Freire, 2016; Walsh, 2009), youth studies (Abramovay, 2022), and digital ethnography (Hine, 2020; Gomes; Leitão, 2017), the article argues that such practices reveal relevant pedagogical dimensions and expand the horizons of non-formal education in times of crisis. It contributes to the appreciation of ways of learning and teaching that emerge outside conventional school spaces, reaffirming the importance of recognizing youth as epistemic subjects and protagonists in building more democratic and just societies.

Keywords: Youth. Digital Ethnography. Digital Culture. Critical Education. Sociopolitical Participation.

RESUMEN

Este artículo examina experiencias formativas de juventudes brasileñas durante la pandemia de Covid-19, con énfasis en festivales y transmisiones en vivo organizadas por organizaciones de la sociedad civil entre 2020 y 2022. A partir de un enfoque cualitativo, anclado en la etnografía digital y el análisis documental, se investigan procesos educativos mediados por tecnologías digitales y atravesados por prácticas de resistencia, cuidado colectivo y afirmación de derechos. El estudio considera los festivales como ambientes digitales de convivencia y producción de saberes, en los que los jóvenes protagonizaron acciones de movilización sociopolítica, participación ciudadana y comunicación cultural. Los análisis ponen de manifiesto cómo estas experiencias, aunque marcadas por desigualdades de acceso y limitaciones contextuales, constituyeron espacios vivos de aprendizaje, articulación comunitaria y reflexión crítica ante la crisis sanitaria, configurándose como espacios de promoción de la salud colectiva y del cuidado mutuo mediados por la cultura digital en territorios marcados por las desigualdades y la ausencia de políticas públicas (Luz; Abramovay; Sales, 2025). Con base en referentes de la educación crítica y la interculturalidad (Freire, 2016; Walsh, 2009), los estudios sobre juventudes (Abramovay, 2022), y la etnografía digital (Hine, 2020; Gomes; Leitão, 2017), se argumenta que tales prácticas revelan dimensiones pedagógicas relevantes y amplían los horizontes de la educación no formal en tiempos de crisis. El artículo contribuye a valorar las formas de aprender y enseñar que emergen fuera de los espacios escolares convencionales, reafirmando la importancia de reconocer a las juventudes como sujetos epistémicos y protagonistas en la construcción de sociedades más democráticas y justas.

Palabras clave: Juventudes. Etnografía Digital. Cultura Digital. Educación Crítica. Participación Sociopolítica.

1 INTRODUÇÃO

O impacto da pandemia de Covid-19 na vida das juventudes brasileiras e latino-americanas atingiu diretamente não apenas suas trajetórias de estudos e de trabalho. Práticas de sociabilidade e de participação na luta por direitos sociais, além dos modos de cuidado com a saúde, sofreram grandes transformações com o aprofundamento das desigualdades estruturais que historicamente marcavam os territórios periféricos (Abramovay et al., 2022; Vásquez, 2023).

Este cenário de sobreposição de crises sanitária, econômica, educacional e social produziu vulnerabilidades extremas, particularmente para mulheres negras, jovens estudantes e trabalhadores informais, fazendo com que a comida e o cuidado coletivo emergissem como formas de resistência cotidiana à omissão do estado diante o colapso das políticas públicas de saúde, do agravamento da fome e da falta de conectividade, interferiram no acesso ao direito à educação. Como discutido por Fontes (2020), esse momento sócio-histórico impulsionou redes de solidariedade surgidas nas periferias, que mobilizaram conhecimentos, afetos e ações concretas para a proteção da vida, o que evidencia um campo fértil para a educação cidadã.

Diante disso, a mobilização dos jovens nas mídias digitais no contexto pandêmico é colocada sob exame neste artigo, por terem se configurado uma das expressões das suas capacidades adaptativas, além de uma forma de ocupação dos espaços sociais por seus corpos e por seus territórios, que se expandiram para as plataformas digitais, ampliando e diversificando espaços de estudo, de trabalho, de apoio, de solidariedade e de cuidado por meio de encontros e interações online durante as restrições das atividades presenciais da pandemia de Covid-19 (Menegon et al., 2023).

Esses territórios e ambiência digitais são analisados a partir da concepção de Sundfeld (2010) de que territórios são espaços habitados, marcados pela subjetividade humana, pelas relações afetivas e de pertencimento, considerados elementos centrais para promoção da saúde e da cidadania e para o convívio entre distintos modos de vidas cotidianos, incluindo os digitais sob o olhar investigativo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconhece a importância da cultura digital no campo da educação, incorporando-a como um dos eixos estruturantes do componente de Computação. Destacam-se neste eixo o respeito e o diálogo no ambiente online, bem como a promoção de uma educação crítica para as tecnologias digitais a fim de favorecer a reflexão sobre o papel da juventude na construção de espaços digitais mais democráticos e participativos, sobretudo, quando as competências digitais para uso de tecnologias de informação e comunicação (TIC) e de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) ampliam o repertório crítico dos jovens em um mundo cada vez mais conectado e plural (Brasil, 2018; Neves. 2018).

Além disso, estudos e pesquisas com as juventudes brasileiras e latino-americanas em

contextos de crises têm se dedicado a explorar saberes e práticas na comunicação digital em seus fenômenos e experiências midiáticas (Reyes; Quiroz, 2020; Rocha et al., 2024; Tavares; Mello, 2019). Nesse sentido, como no caso do estudo de Luz, Abramovay e Sales (2025) evidencia-se que, nos territórios periféricos, rurais e quilombolas, a saúde emerge como condição primeira e como reivindicação coletiva, e que as práticas de cuidado mútuo, ao lado da mobilização cultural e digital, constituem respostas juvenis às lacunas das políticas públicas de saúde.

Para a reflexão aqui proposta, a perspectiva freiriana funda as bases para concepção crítica e transformadora da educação intercultural, com enfoque no diálogo entre saberes em espaços não formais e a valorização da cultura popular. O conhecimento é construído coletivamente, respeitando as experiências e contextos dos sujeitos e seus modos de criar, ler, falar e escrever sobre seus próprios mundos (Freire, 2000; Freire, 2006).

Essa abordagem é fundamental para uma educação intercultural crítica, que considera as diferenças como parte do processo para transformação das juventudes nos campos da educação e das ciências sociais, especialmente em contextos latino-americanos, para descrever práticas de resistência que afirmam modos de vida, saberes e territorialidades negadas pelo colonialismo e pelas políticas de apagamento (Candau; Russo, 2010). Nesse diálogo teórico, cabe mencionar que a interculturalidade se refere à resistência ativa e criativa de sujeitos e coletividades frente às formas históricas de negação de suas existências, como apresentado por Walsh (2009).

De acordo com os autores os jovens vivem em uma cultura da interação e seu paradigma comunicacional se baseia na interatividade ao usar um meio instantâneo como a internet, na qual conseguem navegar personalizando suas trajetórias de vínculos, com sensação de proximidade por meio de lives e conexões em comunidades e canais de interesses, com contribuição para formação de conhecimentos e opiniões sociopolíticas.

A partir da diversidade das juventudes brasileiras, assim como dos problemas que enfrentam e as desigualdades que atravessam suas realidades, compreender como se organizam através da cultura digital é fundamental para criar e visibilizar alternativas para melhorias nas suas condições e perspectivas de vida a partir da garantia de acesso a direitos humanos. Por isso é evidente a necessidade de ampliar os estudos sobre o alcance das causas e lutas que mobilizam, a partir ‘do que’ e ‘como’ desenvolvem os próprios coletivos e organizações juvenis.

Em outras palavras, é relevante problematizar como os jovens se apropriam das tecnologias digitais e das redes de conexão para criar formas de interação, comunicação e mobilização social, articulando esses recursos às práticas educativas e às lutas por direitos. Como por exemplo, nos modos de se organizarem em torno de causas com a potencialidade da mediação pela internet, que favorece

a interculturalidade e troca de saberes e práticas em temas que envolvem saúde, educação e alimentação.

Este artigo se propõe a examinar processos educativos que se delinearam no período da pandemia de Covid-19, interligando aspectos sociais e de saúde dos territórios que ocupavam jovens ligados a ações coletivas que incidiam sob a pauta dos direitos juvenis. O objetivo é o de descrever e discutir os debates temáticos em espaços não formais de aprendizagem, constituídos por lives e transmissões no formato de festivais, organizados com e para as juventudes e permeados pela cultura digital.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho é de natureza descritiva-interpretativa e possui abordagem qualitativa, com base em análise documental e em etnografia na internet.

A pesquisa documental foi realizada entre maio e setembro de 2020 com base nas publicações no Diário Oficial da União se concentrou nas Organizações da Sociedade Civil (OSC) que tiveram participação no Conselho Nacional de Juventudes (CONJUVE) como representantes do segmento sociedade civil, com atuação entre 2010 e 2020. Essa escolha se deve à abrangência e à capilaridade deste segmento com ações em todo território nacional voltadas para as juventudes. O recorte temporal do ano de 2010 foi atribuído por ter sido o ano em que o termo juventude foi incluído na Constituição Brasileira (Brasil, 2010).

O material de análise na pesquisa documental foram notícias, relatórios, publicações nos sítios eletrônicos, oficinas e formações, participação em transmissões ao vivo (live) e plataformas das redes sociais das organizações que possuíam presença digital com os temas como saúde, alimentação e educação para direitos humanos.

A etapa seguinte da pesquisa foi desenvolvida com a etnografia na internet, cujo enfoque para esse artigo, se situou no acompanhamento das lives e eventos de modalidade de festivais, que congregaram formação, informação e a cena de produção cultural reprodutora da convivialidade das juventudes. Dessa forma, a partir dos referenciais de Christine Hine para estudos sobre o que as pessoas pensam que estão fazendo quando usam a rede, a autora descreve que a etnografia na internet:

[...] Fornece uma maneira distinta e muito útil de examinar a Internet, o que nos permite desenvolver um entendimento em profundidade das texturas da experiência social, que surgem conforme as pessoas se engajam com as várias tecnologias que abrangem a Internet contemporânea. (HINE, 2020; p 8.)

Contribuições dos estudos de Leitão e Gomes (2017) tratam as plataformas digitais como

“ambientes” que se associam à própria ideia de vida e modos de existir. Isso se aplica na conjuntura da realização da pesquisa de campo pois a internet foi o principal espaço possível e seguro para os jovens se encontrarem, se cuidarem, conversarem e se organizarem nos momentos de restrições de atividades presenciais na pandemia. Do mesmo modo, em relação ao posicionamento da autora enquanto pesquisadora, porque foi o espaço de circulação para aprender, interagir e estudar sobre práticas educativas das juventudes brasileiras, requisitando, como apresentam as estudiosas:

Uma sensibilidade etnográfica transeunte, de idas e vindas, percorrendo caminhos em meio à multidão de imagens e mensagens, pode ser profícua quando acionada na observação de plataformas que têm como característica os trânsitos intensos e a efemeridade (Leitão; Gomes, 2017, p. 46)

O mapeamento e a identificação dos encontros por parte da pesquisadora aconteceram por meio do processo contínuo de navegação nas páginas e nas plataformas de redes sociais das organizações, incluindo o acompanhamento das pautas de maior projeção do debate público com incidência dos direitos das juventudes. Esse processo etnográfico envolveu a participação em percursos formativos dos eventos, entrada e imersão em agendas atos e eventos em grupos abertos de aplicativos de mensagens instantâneas, exame dos materiais recomendados e mídias reverberadas com por meio das hashtags dos encontros.


Cabe contextualizar que as iniciativas e frentes de trabalho estudadas encontraram nos festivais e transmissões online um caminho adaptativo para seguir adiante com suas ações colaborativas, de mobilização e de coprodução com as juventudes pertencentes a organizações reconhecidas na mobilização de juventudes por meio do movimento sindical camponês, movimento de base estudantil, de ativismo socioambiental e de defesa dos direitos humanos. Esta etapa da pesquisa foi dispensada de apreciação ética por tratar-se de observação em ambientes digitais públicos, conforme Resolução CNS nº 510/2016.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste estudo etnográfico são descritos e discutidos quatro encontros, que foram coletivamente delineados por organizações da sociedade civil sob enfoque da pesquisa e com ativa participação de jovens de diferentes regiões brasileiras. Os eventos transcorreram entre os anos de 2020 e 2022: Live Campanha Pandemia da Ponte Pra Cá³; 12^a Bienal da UNE – Festival de estudantes⁴; Festival Jovens do Futuro⁵; e Festival Juventude Rural Conectada⁶.

Para enunciação breve de cada um dos encontros, foi desenvolvido o quadro 1, que apresenta cada um deles com temas, tópicos de destaque e artes de divulgação.

Quadro 1 – Lives e festivais sobre direitos das juventudes durante a Pandemia de Covid-19.

<i>Encontro</i>	<i>Tema</i>	<i>Tópicos temáticos</i>	<i>Imagens da divulgação</i>
Festival mídia ninja – Amazônia – chico mendes - O Festival Jovens do Futuro 2020 e 2021 ¹	Legado Chico Mendes e Ativismo ambiental	Juventude e Resistência Justiça socio ambiental Saúde física e emocional	 Miniatura Arte-divulgação do Festival Jovens do Futuro /2021
Festival Juventude rural conectada ² Agosto de 2022	Semeando Resistência e Cultivando Mundo Novo	Direitos e visibilidade da população LGBTQIA+; Soberania Alimentar Políticas para as juventudes rurais.	 Miniatura Arte-divulgação do Festival
Encontro Na subida do morro é diferente - Campanha pandemia da ponte pra cá ³ Maio de 2021	Juventude nas Cidades - Campanha da Ponte Pra Cá - 17	Juventudes periféricas Mobilidade urbana Fome Mortalidade da população negra pela Covid-19 Saúde mental	 Arte de divulgação Campanha e Projeto #PandemiadaPontePraCá (criação: Coletivo Onilé e Coletivo Coletores)
12ª Bial da UNE Bial da UNE – Festival dos Estudantes ⁴ Maio de 2021	“Brasil, um povo que resiste”.	Pandemia Direitos estudantis: “Vida, pão, vacina e Educação”	 Arte de divulgação 12ª Bial da UNE.

Fonte: Elaborado pela autora

¹ Organizado pelo Engajamundo, em parceria com Comitê Chico Mendes e Mídia Ninja. (2020)

https://www.youtube.com/live/MrVEfB9-_Fs?si=4r_I7cT1DvzvtO6O (2021)

<https://www.youtube.com/live/A58WJufdYX8?si=r3S_63Bw5AsTh1sP> Acesso em 02 de maio de 2025.

² Organizado pelas juventudes da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares). O festival foi transmitido pelo Youtube no Canal da federação, disponível em:

<https://www.youtube.com/live/dFJntKVLNno?si=KhDc8y-a_QvQWEPq> Acesso em 02 de maio de 2025.

³ Organizado por coletivos do Projeto Juventudes nas Cidades - iniciativa nacional da Oxfam Brasil, Ação Educativa, ONG Fase, IBASE, INESC e Criola - transmitido no Youtube do Instituto Pólis: disponível em

<<https://www.youtube.com/live/xagN0IMY0zU?si=YPIYyCcbjch00gai>> Acesso em 02 de maio de 2025.

⁴ Organizada pela União Nacional de Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG), contou com mais de 10.000 inscritos. Disponível em:

https://www.youtube.com/live/Koc-xptA-tw?si=aP7uFvWPeTLDxRb_

3.1 “É DIFÍCIL TODA UMA POTÊNCIA SE ADAPTAR PARA ONLINE”: OS ATORES, OS ENCONTROS, COM SEUS PANORAMAS E FORMATOS

Além da audiência digital que acompanhava as transmissões, os participantes dos eventos foram jovens mediadores, artistas e protagonistas da produção e da apresentação dos encontros. Neste caso, eram pessoas vinculadas a projetos e ações de organizações mapeadas na pesquisa documental, como, por exemplo: Engajamundo, as Juventudes da Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares, a Frente Juventude das Cidades, que reúne dezenas de coletivos urbanos por capitais brasileiras, articulados pela Ação Educativa, ONG Fase, IBASE, INESC e Criola, e pela União Nacional de Estudantes (UNE), União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES) e Associação Nacional dos Pós-graduandos (ANPG), além de outras organizações apoiadoras como Mídia Ninja, Comitê Chico Mendes e Oxfam Brasil.

As imagens do quadro 1 ilustram artefatos das identidades visuais que envolveram essas atividades nesse tempo pandêmico, convocam a um primeiro olhar interpretativo: o fogo e o arame farpado revolvendo a mata em corte, símbolos de justiça sob ameaça, uma mão colorida que empunha um celular, enquanto transmite o verde germinar sob a luz do sol, máscaras de proteção, olhares compenetrados, preocupados, em busca de horizonte e a pele preta.

O Festival Jovens do Futuro, nas edições de 2020 e 2021, reuniram lideranças juvenis para debater justiça e direitos socioambientais, com foco na Amazônia e Soberania Alimentar. A edição de 2021, teve duas horas de duração e enfocou o território e a juventude ativista da Amazônia. Na de 2020, com mais de quatro horas de duração, contou com um tributo ao legado do ambientalista Chico Mendes.

O Festival Juventude Rural Conectada teve duas edições, em 2020 e em 2022, delineadas em dois dias de transmissões online. A edição de 2022, sob enfoque neste artigo, celebrando os 20 anos, reuniu relatos, vivências e expressões culturais das juventudes rurais de todo território brasileiro, tratando dos desafios vividos com a precarização dos programas e políticas educacionais e sociais vivenciados durante o período de crise sanitária da Covid -19, tendo como tema central os direitos e a visibilidade da população LGBTQIA+.

O encontro “Pandemia da ponte pra cá: Na subida do Morro é diferente” foi um evento live em 2021 com pouco mais de duas horas de duração e que marcou a culminância de diversas frentes de trabalho de um projeto denominado Juventude nas Cidades, que envolveu coletivos da rede em capitais brasileiras e desenvolveu no ano anterior, atividades como, por exemplo, rodas de conversa digitais, produção de vídeos, divulgação de artes que denunciaram os efeitos da pandemia na vida de jovens negros e periféricos, além de podcasts e encontros online para vocalizar os efeitos da pandemia

sobre a vida de juventudes periféricas (Instituto Pólis, 2021). Durante o encontro em 2021 houve apresentações artísticas e projeção com artes visuais de denúncia, além da divulgação das ações, materiais e produções audiovisuais frutos do trabalho do ano anterior.

A Bienal da UNE é um festival artístico e de mobilização estudantil com mais de 20 anos de história, sendo reconhecido como um dos maiores encontros de estudantes da América Latina (Portilho, 2015). Na sua décima segunda edição em 2021, foi adaptado para uma modalidade majoritariamente digital, com duração de cinco dias e preservou a essência de uma programação em artes diversas, projetos de extensão, formações, debate sobre ciência e tecnologia, incluindo imersões interativas por meio de plataformas digitais, de transmissão de jogos online. Com propósito de se notabilizar como um cordão de força dos estudantes de todo país em torno do lema: “Vida, Pão, Vacina e Educação”, foram programadas ações denominadas “Projeto lado C”, que retratavam ações comunitárias e nos territórios periféricos com impactos no enfrentamento da crise sanitária.

3.2 “A SAÍDA É ATUAR EM REDE. A GENTE É TERRITÓRIO DE ESPERANÇA”: CONVERGÊNCIAS, CONTRASTES E RE-EXISTÊNCIAS

Os festivais acompanhados e analisados tiveram diferentes incidências e representações dos segmentos juvenis: sindicalistas, juventudes urbanas, periféricas ou não, rurais, juventudes ativistas, juventudes amazônidas, juventudes estudantis e demonstraram, portanto, as readequações nas formas de convívio, cuidado, expressão e aprendizados das juventudes, em grandes encontros de luta formação e de mobilização de jovens. Puderam congregar, manter ou resgatar, também como expressão de resistência, que foi palavra comum a todos eles, seja nos temas e títulos dos eventos, seja nas vocalizações e expressões diversas dos jovens.

O Festival Jovens do Futuro se apresentou como um mosaico de espaços de produção coletiva de saberes, afetos e práticas políticas em meio à pandemia de Covid-19, reunindo jovens ativistas de diferentes territórios da Amazônia Legal. Com um formato digital e colaborativo, os encontros se configuraram como territórios simbólicos de escuta, memória e articulação política, reafirmando a potência da juventude na criação de narrativas próprias sobre seus contextos e futuros desejáveis. Durante a transmissão pública, entoam um grito coletivo, abrindo seus microfones: “O que nós queremos? Justiça Climática; Quando nós queremos? Agora!”.

As falas e representatividade de jovens amazônidas e de outras regiões do país que são observadas nos registros etnográficos revelam um movimento contínuo de reexistências, como uma postura ativa e criativa de sujeitos e coletividades frente à negligência com suas realidades. Isso se manifestou na valorização dos territórios tradicionais, na denúncia dos retrocessos socioambientais e

na politização das vivências cotidianas da juventude amazônica. Ao nomear seus medos, afetos e esperanças, os jovens afirmam modos de viver e lutar, além de criar uma forma de cuidado como prática política entre pares e grupos, com uma atmosfera repleta de reconhecimento, apoio e partilhas espontâneas.

A articulação entre cuidado, denúncia e criação coletiva é expressa na linguagem das mídias sociais e das expressões culturais – como a música, a poesia, o slam e a performance – tornaram-se dispositivos de ocupação do território digital. Expressam um ambiente pedagógico de construção de um mundo futuro pela ação pedagógica do ato presente, como expresso nas estrofes da música de abertura do evento “Caminho para encontrar um lugar no mundo que seja meu lar”, a partilha de experiências e a construção de redes afetivas e territoriais se entrelaçam com a defesa da vida da juventude amazônica no contexto de crise sanitária, ecológica e democrática.

A musicalidade marcou ainda o Festival Juventude Rural Conectada (2022) com o tema central “Semeando a resistência/Cultivando mundo novo”. Além de cordel, teatro e poesia com participação de jovens de diferentes territórios rurais da região norte brasileira.

O protagonismo da juventude LGBTQIA+, com relatos potentes sobre as experiências de exclusão, migração forçada por não poderem expressar e exercer sua orientação sexual nas comunidades de origem. Tais testemunhos foram acolhidos e politizados em um ambiente de reconhecimento coletivo e afirmação da pluralidade de formas de existir e de visibilização dentro do movimento sindical ruralista. A discussão esteve em torno do fortalecimento da permanência no campo pelo direito ao convívio com justiça social no campo. Neste evento, uma das falas destacava “a maior parte dos avanços que tivemos nessa luta não se deu por meio de leis mas por meio da ação comunitária popular organizada”. A percepção etnográfica foi de um espaço-tempo de encontro com práticas performativas, como músicas autorais e telejornalismo popular, associaram linguagem digital e crítica social, compondo uma ação pedagógica baseada nos saberes do campo e da educação popular.

A transmissão do evento foi permeada pelo entusiasmo e pela alegria. Palavras como “mobilização”, “união”, “organização”, fortalecimento” animaram a audiência, engajada nos bate-papos (chat ao vivo) do Youtube, onde registrava-se continuamente o território, comunidade ou município de representação dos participantes, marcado por um senso comunitário e de pertencimento, com trocas e cumprimentos afetuosos entre os participantes.

Se por um lado os Festival Jovens do Futuro e o Juventude Rural Conectada evidenciaram a potência das juventudes da região amazônica e da juventude do campo em articular práticas de cuidado, expressão e mobilização nos ambientes digitais, o Encontro “Pandemia da Ponte para Cá”

expandiu esse horizonte ao destacar os desafios da juventudes periféricas urbanas, compartilharam a construção de experiências formativas não formais, atravessadas por afetos e pertencimentos territoriais e resistência política.

“Estamos vivos” anunciaram jovens ao abrirem câmeras e se apresentarem na live do evento “Pandemia da Ponte pra Cá”. O momento mais mobilizador da audiência ocorreu durante a demonstração do processo de criação do projeto. A partilha desse processo é percebido como quase um tutorial ao vivo, que gerou uma atmosfera coletiva de entusiasmo e reconhecimento mútuo. A performance comunicativa de um dos produtores, ao explicar detalhadamente as etapas da criação, foi recebida com intensas reações da audiência no bate papo durante o evento, expressando admiração, surpresa e identificação. “Cara, tá incrível! Incrível. Esse momento é enorme... Gigante. Eu queria falar muito de perto disso, porque eu tô achando gigantesco”, declaravam com emoção.

A vivacidade dos eventos evidenciou não apenas a potência criativa da juventude periférica, mas também um letramento digital crítico que se constrói na ação e na partilha, mostrando que, mesmo em um cenário de isolamento e escassez, é possível produzir, denunciar e alcançar coletivamente por meio de um processo pedagógico horizontal, onde o “como fazer” se tornou uma ferramenta de empoderamento coletivo.

Os encontros retrataram experiências e experimentos adaptativos que nunca tinham acontecido no formato digital a partir dessas entidades da sociedade civil, por isso, cabe evidenciar suas contribuições para os processos de educação para cidadania, a saber: (a) participação e expressão juvenil; (b) aprendizagens vivenciais e multimodais que se desenvolvem não apenas nas culminâncias dos eventos, mas sim, de forma processual e em cocriação, como por exemplo, cartas públicas de moção, materiais e artes produzidas, textos, sonoras e podcasts, dentre outros.

Outra percepção do lugar de observação etnográfica foi a expressão de um sentimento de represamento, vivido no corpo e na subjetividade dos jovens, de toda uma energia de sonhos e de planos que precisaram remodelados e interrompidos, ao lado do desejo em dar sentido à conjuntura, de transformar a indignação em ação, especialmente diante da revolta com o atraso na vacinação contra Covid-19, para populações vulnerabilizadas. Como sintetizou uma das vozes: “É difícil toda uma potência se adaptar para o online”. Todavia, foi justamente nesse ambiente que se atualizou uma educação da presença, mesmo à distância, que foi marcada por improviso, partilha, emoção e desejo de transformação, mostrando que, mesmo em um cenário de isolamento e escassez, é possível produzir, denunciar e alcançar coletivamente.

Participantes convocam as juventudes a se apropriarem dos espaços do cotidiano como territórios de criação estética e política, ao destacar que produz conteúdo audiovisual com os recursos

que tem à mão, sejam seus próprios celulares, seja uma iluminação improvisada, em espaços urbanos comuns, rompendo com a lógica da escassez tecnológica. Afirmam: “*A saída é atuar em rede. A gente é território de esperança*”. Trata-se de um convite à produção de sentidos e pertencimento por meio da performance e da comunicação digital insurgente.

São retratadas ações de redes de coletivos periféricos para da cultura de skate e de rua, além da valorização de artistas locais por meio da economia criativa, e ações de solidariedade, com distribuição de comida, cestas básica e de higiene pessoal, como registrado na programação chamada “lado C” da décima segunda bienal da UNE.

Esses formatos dos festivais agregaram na perspectiva da comunicação transformadora, integrando uma rede de atores sociais simultaneamente em prol de lutas sociais, apoio mútuo, solidariedade, trocas e aprendizados sobre o sentido da resistência para caminhar lado a lado para sobrevivência, na busca pela saúde e condições dignas de viver no confinamento imposto pela pandemia de Covid-19.

Foi possível observar como se deu apropriação por parte dos jovens envolvidos deste território-ambiente digital como espaço de pertencimento e existência. Dessa forma, produziram e criaram suas tecnologias e estratégias de comunicação, por exemplo, desenvolvendo estações de rádio/podcasts, projetos de difusão cultural digital capazes de propiciar e reafirmar a conexão com os valores e símbolos que como os quais mais se identificavam em suas bandeiras: o meio ambiente, humanidade, segurança pública e mobilidade, saúde, educação.

As falas e performances observadas nos registros etnográficos revelam um movimento contínuo de reexistência, que se manifesta na valorização dos territórios tradicionais, na denúncia dos retrocessos socioambientais e na politização das vivências cotidianas da juventude amazônica. Ao nomear seus medos, afetos e esperanças, os jovens afirmam modos de viver e lutar. Trata-se de cenários cocriados não a partir da ausência ou do déficit, mas da imaginação ativa, da ancestralidade e da crítica aos modelos coloniais de progresso, por meio da articulação entre cuidado, denúncia e criação coletiva no território digital.

Ao reconhecer as juventudes como sujeitos epistêmicos e os festivais como territórios vivos de aprendizagem, é possível ampliar a análise com base na noção de interculturalidade crítica, entendida como “projeto político e epistêmico que emerge das lutas e saberes outros” (Walsh, 2009, p. 20). Os eventos analisados, ao reunirem experiências plurais, constroem sentidos educativos por meio da escuta, do conflito e da convivência com a diferença.

Isso pode ser observado nas discussões sobre tema da soberania alimentar e da alimentação como direito foram problematizados a partir da relação entre a fome e questões políticas

governamentais, por exemplo. Os jovens que conduziam e mediavam a atividade evidenciavam como este cenário era reflexo de crises econômicas e decisões de projetos políticos que afetavam direitos sociais das juventudes, além de questões trabalhistas, econômicas, educacionais que deslocavam populações vulnerabilizadas a escolhas alimentares inadequadas e ao consumo excessivo de alimentos ultraprocessados.

Tais debates articulam educação e saúde coletiva, na medida em que situam a alimentação, o território e o cuidado como dimensões indissociáveis da promoção da saúde em contextos de vulnerabilidade (Luz; Abramovay; Sales, 2025; Oliveira et al., 2024). A articulação com a Vigilância Popular em Saúde, como discutida por Oliveira et al. (2024) também se estabelece já que a ideia de que práticas populares nos territórios, incluindo plataformas digitais e redes comunitárias, constituem formas de vigilância em saúde e promoção do bem-viver.

Foram materializadas no ciberespaço mediações socioculturais que contribuíram para o desenvolvimento da compreensão e de análises de conjuntura e da cena de saúde, educação e político-econômica, elaborações e ponderações dos benefícios e malefícios do uso intensificado das tecnologias digitais, ou ainda sobre as limitações à conectividade que estudantes de todo Brasil foram submetidos, com agravos nas desigualdades sociais.

Tendo em vista o momento de crise sanitária e de isolamento social ou restrições a mobilidade e ao encontro, essas modalidades de festivais expressaram a palavra-ação, da denúncia, do anúncio e a força da resiliência e criatividade das juventudes na construção de outras formas de ser e aprender e de ação para educação cidadã. Nesses encontros imaginaram e construíram juntos presente e futuros, o que podem ser interpretados, à luz do constructo dos inéditos viáveis freirianos, que situa projetos coletivos na relação com sonhos, futuridade e esperanças em práticas pedagógicas que ampliam a consciência crítica em situações-limite (Freire, 2000; Freire, 2016; Paro et al., 2020).

A ação observada na etnografia e descrita aqui como um cuidado coletivo como prática de saúde, muitas vezes materializada nas ações de solidariedade nas periferias, tais como distribuição de alimentos, cestas básicas, mutirões durante enchentes, rodas e encontro de acolhimento para o adoecimento psicológico, que foram assuntos debatidos nesses eventos acompanhados, foram a resposta concreta e possível à ausência do Estado nas políticas de assistência às juventudes brasileiras.

No estudo etnográfico dos festivais juvenis na pandemia de Covid-19, a pluralidade de experiências e de identidades operaram a construção de saberes situados fora dos marcos formais da educação institucionalizada, e foram atravessados por múltiplas perspectivas socioculturais e por incidências de lutas diversas, refletindo os segmentos e formas de atuação das juventudes participantes.

Compreendidas como espaços interculturais, as redes sociais digitais constituíram, especialmente durante a pandemia, ambientes privilegiados de refúgio, conexão e produção de saberes entre os jovens, promovendo trocas simbólicas e o compartilhamento de referências culturais diversas, que orientam práticas de aprendizagem e cuidado mútuo, além de metodologias que integrem a diversidade social e cultural e as competências necessárias para o ambiente digital, que é, por natureza, um espaço de troca, como também analisou Menegon et al (2023) ao estudar a educação promovida pelos movimentos sociais antirracistas durante a pandemia de Covid-19.

A respeito das barreiras e limitações dessa análise por meio da realização da pesquisa em ambiente digital, é importante mencionar que, mesmo permitindo alcançar um espectro amplo de eventos e de experiências, houve desafios metodológicos relacionados à imersão, à observação e ao acompanhamento longitudinal das trajetórias juvenis. A predominância de fontes públicas e o não acompanhamento sistemático das interações individuais nos chats e plataformas, restringem o aprofundamento das análises subjetivas e das disputas e relações de poder nos espaços observados e, como analisa Marques (2016) exige cautela discutir desdobramentos sociopolíticos da tecnologia digital, à medida que essas ferramentas e plataformas digitais, bem como os usos que os atores sociais fazem dela não são neutros e o impacto sobre comportamentos e atitudes pode ser relativo.

Cabe considerar que as condições de acesso à internet, energia elétrica, equipamentos e conectividade não são homogêneas entre os jovens brasileiros, o que pode influenciar na composição das experiências registradas e discutidas, pois muitos jovens, sobretudo os mais vulnerabilizados, podem não ter se integrado nessas dinâmicas de participação digital.

Essa problematização sugere que pesquisas complementares com abordagens metodológicas procurem aprofundar a escuta sobre desigualdades na conectividade digital e sobre processos de coautoria mais estruturados, no acompanhamento das experiências juvenis em múltiplos contextos territoriais, sejam eles digitais ou não. Tais investigações poderão ampliar ainda mais a compreensão sobre os modos como as juventudes aprendem, resistem e recriam o mundo, especialmente em situações de crise.

4 CONCLUSÃO

O presente artigo ancorou-se nos princípios das ciências sociais e da educação crítica e visibilizou processos formativos e experiências de aprendizagem construídos por jovens de diferentes territórios e com distintas incidências de lutas por direitos humanos e ativismo socioambiental durante a pandemia de Covid-19.

Em especial, no contexto dos festivais e lives promovidos por organizações da sociedade civil cocriados com jovens, as análises revelam que, mesmo diante de intensas limitações de mobilidade, conectividade e de violações de direitos, as juventudes encontraram nas plataformas digitais espaços de resistência, cuidado coletivo, expressão política e produção de saberes, operando como territórios vivos de aprendizagem e ação sociopolítica.

Do ponto de vista teórico, os resultados contribuem para a ampliação do debate sobre o papel das mídias digitais na constituição de ambiências educativas não formais, e sobre a importância de compreendê-las como territórios subjetivos e socioculturais de produção de conhecimento e de agência juvenil. Tais achados fortalecem interlocuções entre o campo da Educação em Ciências, da Educação em Saúde e dos estudos sobre juventudes, ao situar os jovens como sujeitos epistêmicos e produtores de práticas pedagógicas interculturais fundadas em experiências vividas, corporeidade, afetos e pertencimento territorial no ciberespaço.

Em termos práticos, o estudo sinaliza caminhos para o reconhecimento e valorização das aprendizagens que emergem fora dos espaços formais e convencionais, especialmente aquelas que se vinculam a causas coletivas e à defesa de direitos. As práticas observadas, tais como: como produção de conteúdos, curadoria cultural, rodas de conversa, performances artísticas e ativismo digital, revelam modos de ensinar e aprender atravessados por experiências de vida, por valores comunitários e por disputas simbólicas e políticas em torno da saúde, da alimentação e da educação.

Tais práticas educativas revelam juventudes em rede e direitos em disputa por meio de aprendizagens interculturais presentes no ativismo juvenil em festivais digitais de organizações da sociedade civil durante a Covid-19, especialmente àquelas integradas aos interesses da cena das juventudes que agiram em seus territórios de forma transformadora, para contornar lacunas, retrocessos e ausências de políticas públicas, que marcaram a época de realização do estudo.

As descobertas também instigam reflexões sobre a natureza educativa de processos culturais e comunicacionais mediados por tecnologias, reforçando a urgência de políticas públicas que reconheçam e fortaleçam essas práticas juvenis como legítimas formas de educação em saúde e cidadania. Com isso, convidam os campos do Ensino em Ciências e da Educação em Saúde a integrarem mais profundamente as práticas juvenis em suas epistemologias e políticas, reconhecendo-as como parte indissociável da construção de sociedades mais justas, democráticas e saudáveis.

A partir das interpretações do campo etnográfico, percebe-se o modo como os festivais e transmissões online reuniram aspectos de troca e construção de saberes, cocriação, aspectos culturais, artísticos, de denúncia, de convívio e de pertencimento. Além disso, as práticas observadas revelam modos de ensinar e aprender atravessados por experiências de vida, valores comunitários e disputas

simbólicas e políticas em torno da saúde, da alimentação e da educação. Com isso, espera-se contribuir para o debate sobre o papel das mídias digitais na constituição de ambiências educativas não formais, e sobre a importância de compreendê-las como territórios subjetivos e socioculturais de produção de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam; ALMEIDA, Maria Alice da Silva; PINHEIRO, Luciana; SILVA, Pedro Farias da; FERREIRA, Ana Luísa Lemos (Orgs.). *Trajetórias/práticas juvenis em tempos de pandemia da Covid-19* [livro eletrônico em formato PDF]. 1. ed. Brasília, DF: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais, 2022. Disponível em: <https://biblioteca.flacso.org.br/files/2022/11/Livro-digital-Trajetorias-e-pr%C3%A1ticas-juvenis-em-tempos-de-pandemia-da-COVID-19.pdf>. Acesso em: 05 março de 2024. ISBN 978-65-87718-33-0
- BRASIL. Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=EMC&numero=65&ano=2010&ato=faaQTR61EMVpWT2e1>. Acesso em 25 out 2019.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 10 maio 2022.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151–169, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/18690>.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. Utopia e democracia: os inéditos-viáveis na educação cidadã. In: AZEVEDO, José Clóvis de; GENTILI, Pablo; KRUG, Andréa; SIMON, Cátia (Orgs.). *Utopia e democracia na educação cidadã*. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2000. p. 13-21
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido* 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016d.
- FONTES, Leonardo. Pandemia, crise e periferias: uma sobreposição de crises. *Le Monde Diplomatique Brasil*, 28 jul. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/pandemia-crise-e-periferias/>. Acesso em: 04 jul. 2023.
- HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Tradução de Carolina Parreiras e Beatriz Accioly Lins. *Cadernos de Campo* (São Paulo - 1991), São Paulo, v. 29, n. 2, e181370, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v29i2pe181370>.
- INSTITUTO PÓLIS. #PandemiaDaPontePraCá: confira a campanha do Juventudes nas Cidades. São Paulo: Instituto Pólis, 2021. Disponível em: <https://polis.org.br/noticias/pandemiadapontepraca-confira-a-campanha-do-juventudes-nas-cidades/>. Acesso em: 20 jun. de 2021.
- LEITÃO, Débora K.; GOMES, Laura Graziela. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, Niterói, n. 42, p. 41-65, 1º sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>.

LUZ, Lila Cristina Xavier; ABRAMOVAY, Miriam; SALES, Marcos Vinícius. Territórios sem portas e sem muros e com medos: contextualização socioespacial de juventudes. In: ABRAMOVAY, Miriam et al. (Orgs.). Vulnerabilidades e resistências entre as juventudes brasileiras em contextos de desigualdades, Flacso, 2025. p. 84–126.

MARQUES, Francisco Paulo Janil. Ciberpolítica [recurso eletrônico]. Salvador: EdUFBA, 2016. 61 p. (Coleção Cibercultura LAB404). ISBN 978-85-232-1485-2

MENEGON, Valdenia Guimarães e Silva; OLIVEIRA, Sâmia Valéria Nascimento de; DOURADO, Geicyele Quézia Silva. No movimento também tem educação: perspectivas emancipatórias da luta antirracista. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 16, n. 3, p. 385-397, set./dez. 2023. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.18764/2358-4319v16n3.2023.52>. Acesso em: 20 março 2025.

NEVES, Isa. Competência digital. In: MILL, Daniel (Org.). Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância. Campinas, SP: Papirus, 2018. p. 107–109.

OLIVEIRA, Simone Santos; MACHADO, Jorge Mesquita Huet; CORADIN, Cristiane; PENA, Paulo Gilvane Lopes; PORTELLA, Sergio; LEÃO, Luís Henrique da Costa. Vigilância popular em saúde: conceitos, experiências e desafios no contexto brasileiro. Interface – Comunicação, Saúde, Educação (Botucatu), v. 28, e240304, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/interface.240304>.

Paro, César Augusto, Ventura, Miriam, & Silva, Neide. Emy Kurokawa e. (2020). Paulo Freire e o inédito viável: esperança, utopia e transformação na saúde. Trabalho, Educação e Saúde, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, e0022757, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00227>. Acesso em: 20 de março de 2025

PORTILHO, Aline.. A “UNE de volta pra casa” – rituais de inscrição de memórias no espaço urbano. Revista Confluências Culturais, Joinville, v. 4, n. 1, p. 41–50, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21726/rcc.v4i1.449> Acesso em: 7 abr. 2025.

SUNDFELD, Ana Cláudia. Clínica ampliada na atenção básica e processos de subjetivação: relato de uma experiência. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 20, n. 4, p. 1079–1097, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312010000400002>. Acesso em 03 abril 2022.

REYES, Rosa Carolina; QUIRÓZ, Julián Santiago. De lo presencial a lo virtual, un modelo para el uso de la formación en línea en tiempos de Covid-19. Educar em Revista, Curitiba, v. 36, e76140, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.76140>. Acesso em: 25 maio 2025.

ROCHA, Clara; SOLANO, Esther; PAVEZ, Tomás. Influenciadores e política: entre o engajamento e a desinformação. São Paulo: InternetLab, 2024. Disponível em: <https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2024/10/influenciadores-09.pdf>. Acesso em: 19 out. 2024.

TAVARES, Vanessa dos Santos; MELO, Rita de Cássia Batista de. Possibilidades de aprendizagem formal e informal na era digital: o que pensam os jovens nativos digitais? Psicologia: Teoria e Prática, São Paulo, v. 23, e183039, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392019013039>. Acesso em: 25 maio 2025.

VÁZQUEZ, Mariana. Pandemia, políticas públicas e participação: estratégias e formas de promoção da participação juvenil desde contextos socio estaduais nacionais e locais na Argentina. Civitas: Revista de Ciências Sociais, v. 23, n. 1, e42247, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.42247>. Acesso em: 19 maio 2025.